

**ENTRE LER, RESPONDER E GUARDAR:
A CORRESPONDÊNCIA
ENTRE ANÍSIO TEIXEIRA E MONTEIRO LOBATO
NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX**

Tamyres Costa Vieira Oliveira (UNEB)

tamyres.1987@hotmail.com

Luciete de Cássia Souza Lima Bastos (UNEB)

lucietebastos9@yahoo.com.br

1. A escrita de si no século XX

Certeau (1998, p. 225) define a escrita como uma “prática mítica moderna” que se constitui como “a atividade concreta que consiste, sobre um espaço próprio, a página, em construir um texto que tem poder sobre a exterioridade da qual foi previamente isolado”, espaço esse que “circunscreve um lugar de produção para o sujeito” permitindo-lhe dar a “si mesmo o campo de um fazer próprio” e, assim, “sob formas múltiplas, este texto construído num espaço próprio é a utopia fundamental e generalizada do Ocidente Moderno”.

No campo da escrita, temos o conjunto de documentos que remetem à escrita de si, como biografias, autobiografias, diários íntimos e correspondências, que abarcam as histórias de vida e que sempre foram usados por pesquisadores. Todavia, somente há pouco tempo ganharam estatuto privilegiado de análise dentro do campo da pesquisa histórica e literária. Os arquivos pessoais e os escritos de si tratam sobre a vida cotidiana e as vivências pessoais de um determinado indivíduo, e o interesse por eles surgiu no século XIX, no entanto, ganhou maior visibilidade no século seguinte pelo interesse de pesquisadores sobre esse tipo de material.

A riqueza destes acervos e as possibilidades de pesquisa por meio deles levaram estudiosos das ciências humanas, interessados em temas ligados ao particular, à vida cotidiana e às experiências de vida, a nutrirem considerável interesse pela investigação dessa escrita que permite o conhecimento de questões ligadas à história e à sociedade a que pertence ou pertenceu o sujeito, o que vai muito além da mera curiosidade sobre questões pessoais.

O interesse por esses tipos de arquivos, que tratam da literatura íntima, surgiu a partir da “valorização do indivíduo como sujeito histórico, que, nas brechas deixadas pelo sistema, pode fazer determinadas opções

e, assim, tomar a direção de sua vida” (TANNO, 2007, p. 110) e esta literatura começa a se firmar enquanto gênero a partir “do estabelecimento da sociedade burguesa e da difusão da noção de indivíduo” (MACIEL, 2007, p. 3) quando da tomada de consciência, por parte do homem, de sua condição histórica. Nesse sentido, Bastos (2011, p. 2) escreveu:

A partir do século XX, o indivíduo e sua trajetória passaram a ser mais valorizados e a produção de uma memória pessoal e individual ganha cada vez mais espaço na sociedade moderna e, a partir da década de oitenta, certamente estimulado pelos novos aportes teórico-metodológicos experimentados, o gosto do público pelo gênero biográfico e autobiográfico cresceu muito.

Com o crescimento do interesse pelo gênero, surge também a apreciação pela investigação de cartas pessoais. Segundo Tanno (2007, p. 111), a prática epistolar “implica uma relação de troca (informações, pedidos, confidências) entre o remetente e o destinatário que se revezam nesses papéis (...)”, que se configura como uma prática relacional envolvendo, o que Phillip Lejeune, um dos maiores estudiosos contemporâneos de autobiografia, chamou de “pacto epistolar”, que é a lógica de receber, ler, responder e guardar cartas. Ao trabalhar com cartas o pesquisador deve considerar os aspectos que norteiam a personalidade de quem a escreve e a subjetividade de seu olhar para o mundo, pois “a escrita de si assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela a sua verdade” (GOMES, 2004, p. 14).

A escrita sobre a vida particular de uma pessoa permite que ela se inscreva na sociedade e crie uma identidade própria, como escreveu Tanno (2007, p. 113) “para existir, é preciso inscrever-se”, uma vez que a existência de acervos pessoais contribui para mantermos “arquivos para recordar e tirar lições do passado, para preparar para o futuro, mas, sobretudo, para existir no cotidiano” (ARTIÈRES, 1998, p. 14). O mesmo autor, na página 32, escreveu que “arquivar a própria vida é definitivamente uma maneira de publicar a própria vida, é escrever o livro da própria vida que sobreviverá ao tempo e à morte”.

Sabendo da importância da correspondência epistolar para a pesquisa na contemporaneidade, pelo vasto campo de interpretação que a ela vem agregado, é que esta investigação foi proposta. Nesse sentido, este texto traz parte dessa pesquisa, que tem o propósito de investigar a correspondência entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato, buscando focalizar o processo dinâmico da troca de missivas empreendida por ambos no período em que viveram e conservaram relações de amizade.

2. *Entre o sertão e a capital: a correspondência entre Anísio e Lobato*

Anísio Spínola Teixeira é natural de Caetité, cidade localizada no interior baiano, famosa pelos respaldos políticos e socioculturais mantidos pela elite local. É nascido no seio da abonada e numerosa família Teixeira, pertencente à elite dos finais do século XIX com características patriarcalistas e de fé cristã fervorosa. Filho de Dr. Deocleciano Pires Teixeira e de Anna Spínola Teixeira, desde jovem é reconhecido por sua excelência nos estudos. Formou-se em direito pela UFRJ e atuou como diretor da Instrução Pública do Estado da Bahia. Era um homem militante no cenário da educação brasileira, e, influenciado pelos pensamentos pragmáticos e modelos educacionais de John Dewey, definiu a escola pública como sendo a raiz da democracia⁷⁴, introduzindo, assim, nos anos 20, ideias que influenciam o pensamento educacional brasileiro até os dias atuais.

Anísio conseguiu, como poucos, articular seu pensamento intelectual à prática contribuindo, com suas desafiadoras ideias, para a reforma no sistema educacional brasileiro e, como um importante nome dentro do cenário intelectual do Brasil, foi e continua sendo alvo de pesquisas, com diversificados temas de estudo.

A família Teixeira empreendeu, ao longo de sua trajetória, uma prática de troca de cartas entre familiares, amigos e empregados, responsável pela manutenção dos elos de sociabilidade com as mais diversas esferas sociais da época. E, mesmo com todas as adversidades impostas pela falta de estradas e demora dos correios:

com as capitais aparece intenso nas cartas da família Teixeira. O próprio contingente de correspondências trocadas entre os membros da família, muitas vezes em relativo curto espaço de tempo (entre escrever/responder), demonstra uma dinâmica comunicação entre o Sertão e a capital (AGUIAR, 2010, p. 7).

A rede de relações estabelecidas por essa família não se restringe, somente, à região, estendendo-se também pelos grandes centros urbanos como Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo, e no caso específico de Anísio Teixeira à Nova York, como podemos constatar no fragmento a seguir, colhido de uma de suas cartas:

⁷⁴ Para Anísio Teixeira a democracia só existiria quando montassem no Brasil a máquina que prepara as democracias, que, para ele, era a escola pública. Sua obra é baseada na concepção de que a democracia depende do acesso de todos ao ensino.

Continuo a escrever neste mesmo papel, onde há vinte dias lhe começara uma carta. (...) Hoje, porém, estou de novo em viagem. Sigo amanhã para o sertão. Um mês no mato, pelo menos. Caçando, espojando-me, animalizando-me. E não pude comigo que lhe não mandasse algumas linhas (...) de lembrança e de muita saudade. Já passou por aí aquela onda de capelinhas verdes e árvores de natal que cobre New York, todo fim de ano, decorativamente. É de praxe a permuta dos nossos bons desejos nessa ocasião. Aqui vão os meus, sem praxe, pois já são tardios, mas com muito coração. Para você e para todos os seus (FRAIZ & VIANNA, 1986, p. 46).

Relatos como este de inúmeros outros constantes de suas cartas evidenciam, “Atrelado aos fragmentos de história de vida, (...) uma variedade de intercâmbios existentes entre aqueles que residiam no Sertão e nos centros urbanos mais avançados” (AGUIAR, 2010, p. 2). No entanto, não era fácil o deslocamento das cartas para seus respectivos destinatários, pois:

As missivas, assim como os jornais, não chegavam com a velocidade desejada, mesmo assim, possibilitavam a circulação de informações sobre diversificados assuntos e ideias que fomentavam a vida dos intelectuais fora e dentro do país (BASTOS, 2011, p. 2).

A demora no recebimento das cartas também foi sinalizada por Lobato em carta destinada a Teixeira, em setembro de 1929 “Trinta dias gasta uma carta para vir da Bahia às minhas mãos; a tua de 29 de julho mostrou isso. Tragédia, heim? E ainda é bom que cheguem ao destino” (FRAIZ & VIANNA, 1986, p. 37). No que diz respeito à correspondência epistolar, Anísio Teixeira foi um missivista ativo e trocou cartas com diversas personalidades brasileiras, dentre elas, Monteiro Lobato, pelo qual nutria particular apreço. Suas correspondências foram guardadas pelos amigos porque, segundo Alberto Venâncio Filho (In: FRAIZ & VIANNA, 1986, p. 7), “as cartas de Anísio eram sempre peças lapidares, ricas no conteúdo e elegantes na forma. Cada um dos seus numerosos amigos guardaram exemplares dessa farta e primorosa literatura epistolar, cuja divulgação seria obra para uma instituição de cultura que se dispusesse ao empreendimento”. No conceito de Olívia Gomes Barradas (In: FRAIZ & VIANNA, 1986, p. 5) a correspondência entre Lobato e Teixeira, justifica-se porque ambos são “dois brasileiros singulares, duas personalidades marcantes, além de grandes escritores, cujas obras foram todas voltadas para o sentimento de patriotismo”.

Anísio e Lobato se conheceram nos anos 1927, quando da permanência de Anísio em Nova York, a fim de cursar mestrado pela Universidade de Columbia, onde obteve o título de *Master of Arts* e de Lobato que estava nesse país ocupando um cargo de adido comercial brasileiro.

Houve uma identificação imediata entre ambos, tanto que empreenderam uma relação de amizade sustentada pela admiração que um sentia pelo outro. De acordo com Venâncio Filho (In: FRAIZ & VIANNA, 1986, p. 8):

Anísio Teixeira percebera a capacidade de ação de Monteiro Lobato, a força criadora, o espírito empreendedor, especialmente a ironia que fluía de seus pensamentos. Monteiro Lobato percebera em Anísio Teixeira a intuição notável, e uma Inteligência brilhante e original.

A correspondência entre ambos iniciou-se após a vinda de Anísio Teixeira dos Estados Unidos, período que se configurou como o mais intenso de troca de missivas entre eles. As cartas de Monteiro Lobato endereçadas a Anísio Teixeira foram mais numerosas, e trata, especificamente, da experiência fecunda e significativa que se constituiu para ambos a permanência naquele país, revelando a admiração que o escritor d'O Picapau Amarelo nutria pela inteligência de Anísio Teixeira. É o que pode ser observado no seguinte trecho de uma carta que Lobato endereçou a Anísio, em julho de 1929 (In: FRAIZ & VIANNA, 1986, p. 31):

Recebi o seu livro⁷⁵ e estou a lê-lo com o interesse e simpatia que me causam os trabalhos “pensados”. Que penetração, que visão segura do problema! Poucas vezes na vida tenho encontrado inteligência lúcida como a sua e tão penetrante. Se no Brasil houvesse ressonância para as ideias esse livro calaria fundo e marcaria época. Infelizmente as coisas são o que são. Poucos lerão o seu trabalho – e menos ainda o entenderão (...)

A relação entre os dois era de uma proximidade fraternal, ambos se admiravam enquanto amigos e intelectuais e apoiavam os projetos de carreira um do outro. Era corriqueiro, nas cartas, o incentivo que um concedia ao outro em relação aos projetos pessoais e as missivas eram sempre regadas por muitos elogios e admiração mútua. Para ilustrar cito um trecho de uma das cartas de Anísio Teixeira, datada de 1931, endereçada a Lobato (In: FRAIZ & VIANNA, 1986, p. 59):

Passei o meu domingo último lendo *Alice no país das maravilhas*¹. Está esplêndido de graça, de naturalidade e de bem traduzido. Aquele tipo de “imaginar” á inglesa, ingênuo e lógico, o que dá em “brasileiro” às vezes uma mistura ridícula, - você o transpôs para o português sem perder nada daquela doçura da fonte que há na pequenina obra-prima. Pelas crianças e como uma delas, o meu muito obrigado. Você fez um presente de natal aos meninos do Brasil.

⁷⁵ Os autores também têm dúvidas quanto ao livro e sugerem que seja Instrução Pública no Estado da Bahia. Imprensa Oficial, 1928.

Sabe-se que ambos escreviam sob a tutela de um pensamento pedagógico, reformador, com temas educativos (Lobato) e teorias educacionais (Teixeira). O segundo escrevia seus livros sob a concepção de uma educação integral, progressista e democrática e Lobato produzia uma literatura infantil filosófica e dotada de sentido educativo. Anísio Teixeira narrou, nas cartas, muito daquilo que fez, viveu e presenciou, a partir de suas vivências cotidianas, e essa prática de se inscrever na escrita do cotidiano faz com que “a narrativização das práticas seja uma maneira de fazer textual, com seus procedimentos e táticas próprios” (CERTEAU, 1998, p. 152).

As cartas constituíram um considerável instrumento de difusão de ideias, revelando, nessa dinâmica de informações, o universo cultural que envolvia emissor e destinatário, uma vez que permitiam a circulação destas informações sobre os mais variados assuntos, alicerçando a vida de ambos os intelectuais fora e dentro do país. Anísio Teixeira e Monteiro Lobato travavam discussões que remetiam a diversificados assuntos sobre a vida particular, intelectual e social, na qual revelaram um significativo universo cultural e letrado que os envolvia e os preocupava. Monteiro Lobato, no trecho abaixo, de carta enviada a Anísio Teixeira, datada de 1929 (In: FRAIZ & VIANNA, p. 37), evidencia sua preocupação com os rumos tomados pelo Brasil:

E que ferveadeira de debate político não irá por ela e pelo resto do país! Tenho corrido os olhos nos debates do congresso e saio desolado. Não vejo uma idéia, uma *issue*, quer dum lado quer doutro. Só pessoalismo e intrigalhadas. E os chavões todos, clássicos, e pan-americanos (este país excetuado) – libertação, vitória dos princípios liberais etc. Que cabindas inda somos, que zulus. O mundo está a brotar de todos os lados, e a voar e a telever e a radio-ouvir a promover explosões de átomos, e nós continuamos mascando o *chewing gum da Revolução Francesa*.

Inquietações eram sempre exacerbadas no discurso dos epistológrafos em questão. Falavam da preocupação em relação aos rumos tomados pelo Brasil, ao bem-estar um do outro e da família que os cercava, da circulação de bens culturais, entre outros assuntos que os atormentava. Vejamos no excerto a seguir (In: FRAIZ & VIANNA, 1986, p. 59) a inquietação do escritor de educação não é privilégio com a circulação de bens culturais:

Escolas – sem livros e sem riqueza!! Eu. Livros e riqueza – você. Não há necessidade de comparar. Leio agora que na Rússia os *Siviets* já atiraram sobre o solo russo 144 milhões de livros! Os alunos que eram em 1915, 1.230.000, foram em 31, 17.600.000! E nós a engatinharmos.

A leitura do excerto acima nos permite dá indícios, mesmo que de maneira sucinta, da grande preocupação de Anísio Teixeira com a circulação de bens culturais impressos no país, ressaltando que, neste quesito, ainda estamos a engatinhar. O diálogo entre Anísio e Lobato

anuncia não só a dinâmica que as cartas propiciam às ideias de seus interlocutores, mas também a circulação dessas ideias registradas que falam para além do momento em que foram escritas, viajando em tempos e em espaços diversos, à espera e se oferecendo à pesquisa (BASTOS, 2011, p. 1).

A análise das cartas nos coloca diante de um universo rico e significativo para a pesquisa, abrindo um leque para as mais diversas interpretações, pois revelam, nas entrelinhas do discurso dos missivistas aqui citados, indícios de elementos que caracterizam a visão de uma época, focalizando as concepções pessoais dos interlocutores envolvidos em relação à sociedade em que viviam e na qual gostariam de viver, permitindo não somente o estreitamento das relações de amizade entre ambos, como também momentos de discussões intelectuais que nos propiciam refletir sobre o momento e condições socioculturais em que eram fomentadas.

A investigação de elementos presentes na escrita de um indivíduo permite ao investigador a visualização de um cenário que perpassa não somente a vida do investigado, como também da sociedade e do tempo em que viveu, pois “a máquina escriturística (...) é, antes, ambição da sociedade moderna em construir, em uma página em branco, uma escrita de si e de refazer a história” (OLIVEIRA, 2008, p. 146), e “o leitor é que será incumbido de, como detetive, descobrir o que o escritor escondeu” (LIMA, 2010, p. 6) e dar significado àquilo que revelou.

A escrita de si pode perpassar pelo real e pelo ficcional, não podendo se identificar qual dos dois itens está mais presente em suas entrelinhas, no entanto, podemos extrair de seu conteúdo informações que caracterizam a vida pública ou privada de uma pessoa e, quem sabe, traçar um perfil pessoal daquele que se investiga, pois nas tramas entre a realidade e a ficção “o homem aprende com o pretérito para se preparar para o devir, mas é no presente que aciona o mecanismo que interliga os outros tempos” (BASTOS, 2011, p. 2).

Assim, “trocar cartas, corresponder-se, escrever para alguém são formas de se expor, de compartilhar experiência, construir elos invisíveis e, muitas vezes, duradouros” (CUNHA, *apud* RIBEIRO, 2009, p. 24), missivas que permitem a leitores não previsíveis, no momento em que as cartas foram escritas, perceber situações e relações que até mesmo seus autores jamais poderiam imaginar.

3. *Considerações finais*

A partir do que foi exposto, percebe-se que no século XX, especificamente no limiar de seus anos, a relação de proximidade entre o sertão e a capital acontecia a partir do intenso fluxo de troca de cartas e, mesmo com as adversidades, uma vez que não existiam recursos tecnológicos como os de hoje e devido à precariedade do serviço de correio, escassez e/ou ruína das estradas, as pessoas continuavam a se comunicar e relatar fragmentos de vida que remetiam ao pessoal, social e intelectual do cotidiano daquela época.

Assim, a correspondência epistolar se constituiu um meio significativo para a aproximação entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato, permitindo a manutenção de elos intelectuais e socioculturais estabelecidos entre eles, e viabilizou a manutenção dos intercâmbios culturais entre a sociedade caetiteense letrada, neste texto, representada por Anísio Teixeira e os centros urbanos mais avançados, representados por Monteiro Lobato, uma vez que os aproximou, permitindo uma relação que envolvia questões afetivas como a amizade, sociais como o trabalho desenvolvido por ambos e intelectuais como as discussões sobre os rumos tomados pelo Brasil, sobre o petróleo que tanto Lobato defendia e questões sobre escola pública, por parte de Anísio.

A correspondência se caracteriza como uma forma de escrita de si que permite uma relação de troca de informações, vivências, confidências e cotidianidades de indivíduos que se revezam nesses papéis. “É, portanto, uma prática relacional que envolve quem escreve e quem lê, sendo que cabe ao destinatário preservar ou não as cartas” (TANNO, 2007, p. 54). Nesse caso, as cartas entre ambos foram preservadas, seja por motivos afetivos, de cunho intelectual, ou como uma “possível” intenção de autobiografia, configurando-se como uma escrita de si, na qual está arraigado o sentimento do eu e do outro, representados na figura de remetente e destinatário.

O trabalho com as cartas, portanto, nos desperta para a investigação dos relatos pessoais que revelam muito mais do que aquilo que está na intencionalidade de seu emissor, revela, nas entrelinhas, uma época e o pensamento de uma sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTIÈRES, Phillipe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos: Arquivos Pessoais*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998.

AGUIAR, Lielva Azevedo. *Entre o sertão e a capital: Caetité nas primeiras décadas do século XX*. 2010, p. 1-11. Disponível em: <<http://www.ilb.ufop.br/IIIsimposio/31.pdf>>. Acesso em: 20-01-2012.

BASTOS, Luciete. Representações da leitura e da cultura caetiteense na escrita epistolar de Anísio Teixeira. In: *XII Congresso Internacional da ABRALIC*. UFPR, Curitiba, 18 a 22 de julho de 2011. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/anais/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0726-1.pdf>>. Acesso em: 20-01-2011.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998.

GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

LIMA, Maria Tereza Gomes de Almeida. *O pacto autobiográfico e os álbuns fotográficos*. Universidade Estadual de Maringá (UEM). Maringá, vol. 9, n. 10 e 11, 2010. Disponível em: <<http://www.cielli.com.br/downloads/239.pdf>>. Acesso em: 15-11-2011.

MACIEL, Sheila Dias. *A literatura e os gêneros confessionais*. Disponível em: <<http://www.cptl.ufms.br/pgletras/docentes/sheila/A%20Literatura%20e%20os%20g%EAneros%20confessionais.pdf>>. Acesso em: 09-03-2012.

OLIVEIRA, Emerson Dionísio de. A máquina escriturística: de Duchamp a Certeau. *Revista Poiesis*, n. 12, p. 139-150, 2008. Disponível em: <http://www.poesis.uff.br/PDF/poesis12/Poesis_12_maquina.pdf>. Acesso em: 14-04-2012.

RIBEIRO, Marcos Profeta. *Mulheres e poder no alto sertão da Bahia: A escrita epistolar de Celsina Teixeira Ladeia (1921-1927)*. Dissertação (Mestrado). PUC-SP, 2009.

TANNO, Janete Leiko. *Os acervos pessoais: memória e identidade na produção e guarda dos registros de si*. UNESP, v. 3, n. 1, 2007, p. 110.

FRAIZ, Priscila; VIANNA, Aurélio (Orgs.). *Conversa entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986.